

# Fundamentos do Solidarismo



Versão 1.6

## Introdução

Esse documento tem o objetivo de entrar em detalhes da filosofia do solidarismo e em suas estratégias e projetos de ação. O recomendável é que o leitor já tenha lido nossa introdução em <https://solidarismo.github.io/>

Esse trabalho está em desenvolvimento, quem quiser contribuir pode nos procurar no server do dicord.

Agradecemos a todos os membros e apoiadores do coletivo, sem a ajuda de vocês esse trabalho não seria possível.

# Índice

<b>Introdução</b>	<b>2</b>
<b>História do solidarismo</b>	<b>4</b>
<b>Polarização - sociedade em ruína</b>	<b>6</b>
<b>Crítica ao sistema capitalista</b>	<b>8</b>
Hiperconsumo	8
Desemprego e desigualdade social	11
Obsolescência programada (em desenvolvimento)	15
Imperialismo e exploração	16
<b>Ciência da felicidade (em desenvolvimento)</b>	<b>18</b>
<b>Convivência em sociedade (em desenvolvimento)</b>	<b>18</b>
<b>A luta que cura e gera prosperidade</b>	<b>19</b>
<b>Economia solidária e cooperativismo</b>	<b>21</b>
Cooperativas - do Lucro Privado ao Progresso Coletivo	22
<b>Paradoxo da tolerância, liberdade de expressão e desinformação</b>	<b>25</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>28</b>

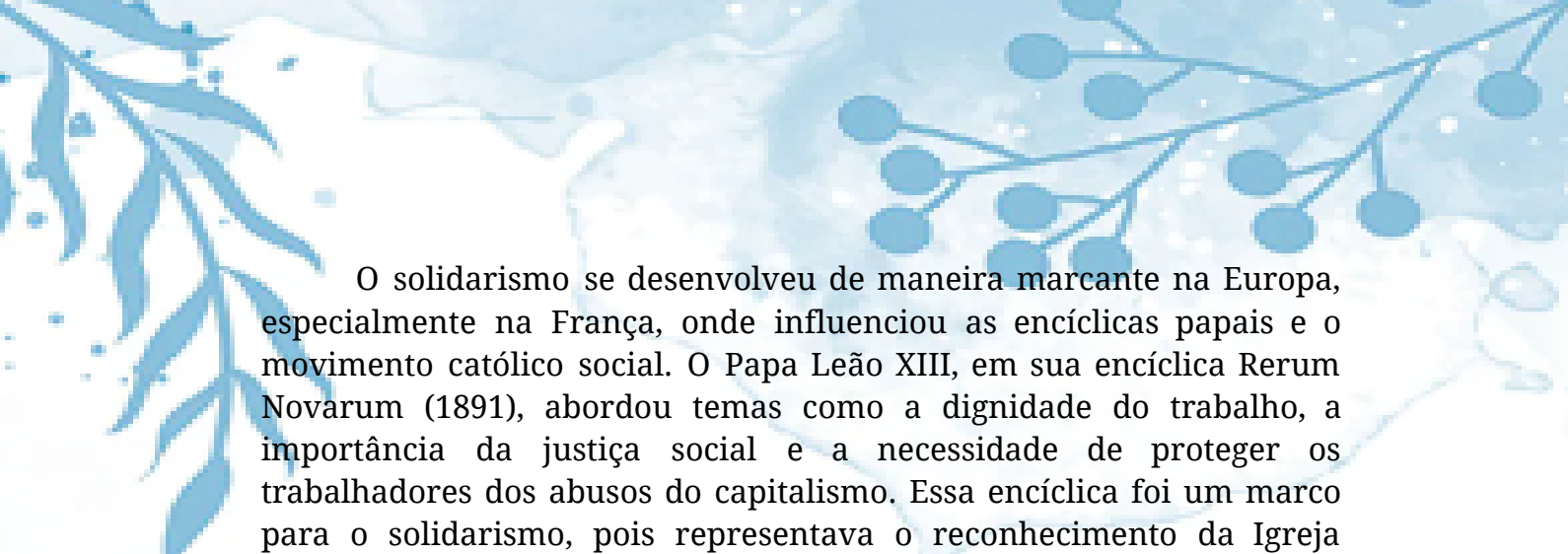
## História do solidarismo

O solidarismo é uma corrente social e econômica que busca integrar os princípios de cooperação, ética e justiça social como resposta à desigualdade e às tensões entre o capitalismo e o socialismo. Surgido como uma terceira via entre essas duas ideologias dominantes, o solidarismo desenvolveu-se a partir de ideias humanísticas e cristãs, inspiradas pela convicção de que o bem-estar social depende do engajamento coletivo e da responsabilidade mútua entre indivíduos e instituições.

O solidarismo começou a tomar forma no final do século XIX e início do século XX, em um contexto de profundas transformações econômicas e sociais. O processo de industrialização acelerado criou sociedades urbanas, mas também trouxe consigo desigualdade, exploração e tensões de classe. Em resposta, intelectuais e líderes religiosos, especialmente na Europa, buscaram uma alternativa às visões rígidas do capitalismo e do socialismo. Para eles, o solidarismo representava uma via mais humana, que colocava o bem-estar da coletividade acima da luta de classes ou da busca egoísta pelo lucro.

Entre os principais precursores do solidarismo estão o sociólogo francês Émile Durkheim e o economista Léon Harmel. Durkheim, um dos pais da sociologia moderna, defendeu que a solidariedade social era essencial para a coesão e estabilidade das sociedades modernas. Ele acreditava que o crescimento de uma "solidariedade orgânica", onde indivíduos e grupos se apoiam mutuamente, seria o caminho para resolver os problemas gerados pela divisão do trabalho e pelas desigualdades sociais.

Léon Harmel, por sua vez, foi um empresário francês católico que, inspirado pela doutrina social da Igreja Católica, propôs a cooperação entre patrões e trabalhadores. Harmel acreditava que a luta de classes poderia ser substituída pela colaboração mútua, onde os interesses de empregados e empregadores seriam conciliados em prol do bem comum.



O solidarismo se desenvolveu de maneira marcante na Europa, especialmente na França, onde influenciou as encíclicas papais e o movimento católico social. O Papa Leão XIII, em sua encíclica Rerum Novarum (1891), abordou temas como a dignidade do trabalho, a importância da justiça social e a necessidade de proteger os trabalhadores dos abusos do capitalismo. Essa encíclica foi um marco para o solidarismo, pois representava o reconhecimento da Igreja Católica das necessidades urgentes de uma reforma social que não se alinhasse ao socialismo nem ao capitalismo, mas buscasse uma "terceira via" solidária.

Na Alemanha, o solidarismo influenciou o surgimento de movimentos de economia social, que buscavam promover o bem-estar coletivo e combater os excessos de um sistema econômico liberal. O solidarismo também foi promovido por políticos e intelectuais que acreditavam que a cooperação e a justiça social deveriam ser as bases de um novo contrato social.

Durante o século XX, o solidarismo foi adotado por movimentos de justiça social e influenciou o desenvolvimento do Estado de bem-estar social em várias nações europeias. Em países como Suécia, Noruega e Dinamarca, políticas baseadas na cooperação e na redistribuição de riqueza foram implementadas, levando à criação de sistemas de saúde e previdência que buscavam promover a igualdade social e econômica.

## Polarização - sociedade em ruína

Políticos usam uma variedade de estratégias para radicalizar e polarizar a sociedade, manipulando emoções para dividir a população em "nós" contra "eles". A tática central consiste em explorar temas sensíveis e divisivos que geram reações emocionais intensas, como segurança, economia e valores culturais. Usam também retórica simplista, culpando um grupo ou indivíduo como causa dos problemas, o que direciona a frustração e os medos da população para "inimigos" específicos. Essas estratégias infelizmente são mais eficazes para atrair eleitores, por isso os políticos (mesmo alguns não gostando dessas estratégias) acabam por utilizá-la.

Uma analogia é que os eleitores acabam se tornando "torcedores de futebol", onde as pessoas se apegam emocionalmente ao "seu lado" e deslegitimam o "adversário" independentemente dos fatos. As pessoas acabam ficando fanáticas, querem a vitória do "seu time" a qualquer custo, mesmo que isso signifique ignorar problemas e erros do seu "time político" ou acreditar e espalhar mentiras.

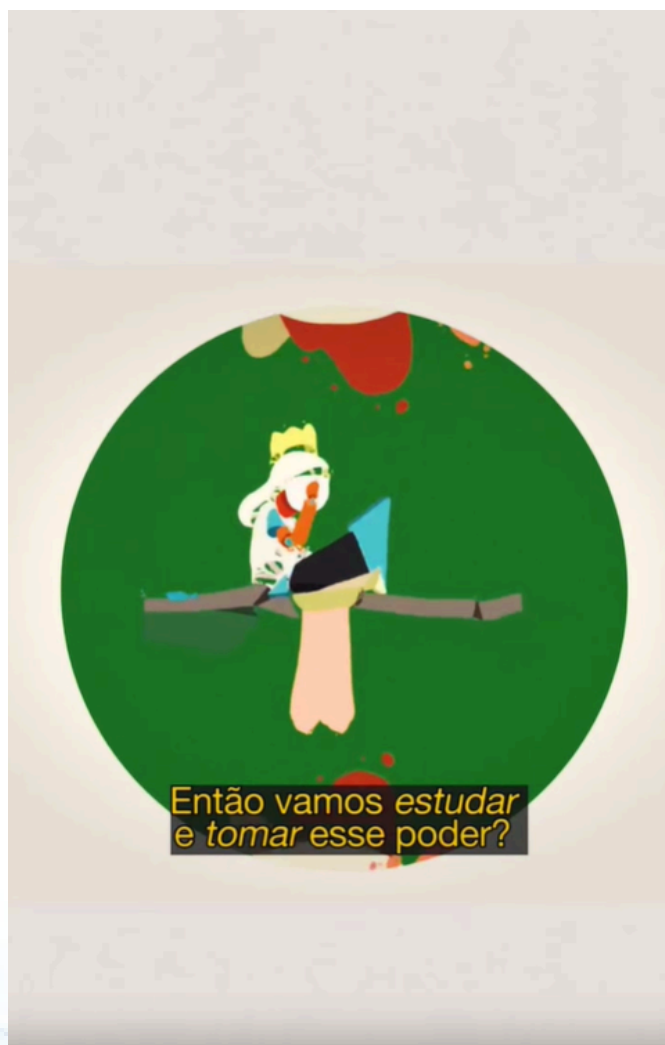
Esse cenário gera uma migração dos centros políticos para os polos, essa radicalização gera irracionalidade e antipatia, impede a construção de ideias conjuntas, pois qualquer proposta é rejeitada pelo simples fato de vir do lado oposto. À medida que as interações sociais e as decisões individuais isolam as pessoas em grupos que não mais dialogam, o sistema político se torna incapaz de abordar a ampla gama de questões - ou formular a variedade de soluções - necessárias para o governo funcionar e fornecer os serviços essenciais para a sociedade.

No Brasil, além da polarização global, há também a questão do imediatismo, com políticas públicas se tornando "políticas de intenção" sem plano de implementação real, muitas vezes apenas para atender ao marketing. O Estado tem sido usado por grupos de interesse que promovem políticas públicas visando seus próprios privilégios, enquanto isso o povo é enganado por táticas de distração, toda hora criam polêmicas ou incidentes superficiais para desviar a atenção do povo.

O Solidarismo busca reduzir a polarização e a irracionalidade que enfraquecem o tecido social. Enquanto políticos adaptam seus discursos, fazem novas alianças com aqueles que trocavam ofensas poucos anos atrás, a população continua sendo enganada e prejudicada. Não podemos ser torcedores de políticos, precisamos nos atentar aos fatos, guiados pela serenidade e pelo compromisso com a verdade. Defendemos uma política transparente e fundamentada em evidências. É essencial expor ao povo aqueles que utilizam o ódio e a divisão como ferramentas de poder, precisamos votar melhor, chega de votar com a irracionalidade e o ódio.

Vídeo sobre a polarização no Brasil:

<https://www.youtube.com/watch?v=-CIq8AQ3lgU>





## Crítica ao sistema capitalista

### Hiperconsumo

O desenvolvimento econômico e social atual é cada vez mais pautado pelo crescimento do consumo, que gera lucro para o comércio e grandes empresas, aumentando empregos e renda, o que, por sua vez, fomenta mais consumo. Qualquer ruptura nesse ciclo implicaria uma crise, pois a diminuição da renda levaria ao aumento do desemprego e ao comprometimento do acesso a bens essenciais.

Uma das principais críticas ao sistema capitalista é justamente a emergência deste modelo de consumo. Embora suas raízes remontem à Revolução Industrial, foi com o surgimento do "American Way of Life" (o estilo de vida americano), popularizado nos Estados Unidos em 1910, que o consumismo se intensificou. Isso gerou uma crise de superprodução nas fábricas, que acumularam estoques de produtos sem um mercado consumidor capaz de absorvê-los, levando à crise de 1929.

Para combater os efeitos da crise, o governo desenvolveu políticas de intervenção econômica no chamado "New Deal" (Novo Acordo), visando aquecer a economia. A partir desse momento, para garantir a continuidade da produção em massa, foram instituídos modelos de desenvolvimento baseados na ampliação da renda e no crédito facilitado, promovendo um aumento ainda maior do consumo. Embora essas políticas tenham ajudado a encerrar a crise econômica do século XX, instauraram uma problemática maior, já que o consumo pelo consumo é um meio contraditório e insustentável de manter o desenvolvimento das sociedades. Essa dinâmica persiste até hoje.

As críticas à sociedade de consumo não se limitam à economia, abrangendo também aspectos ambientais. Um dos impactos do



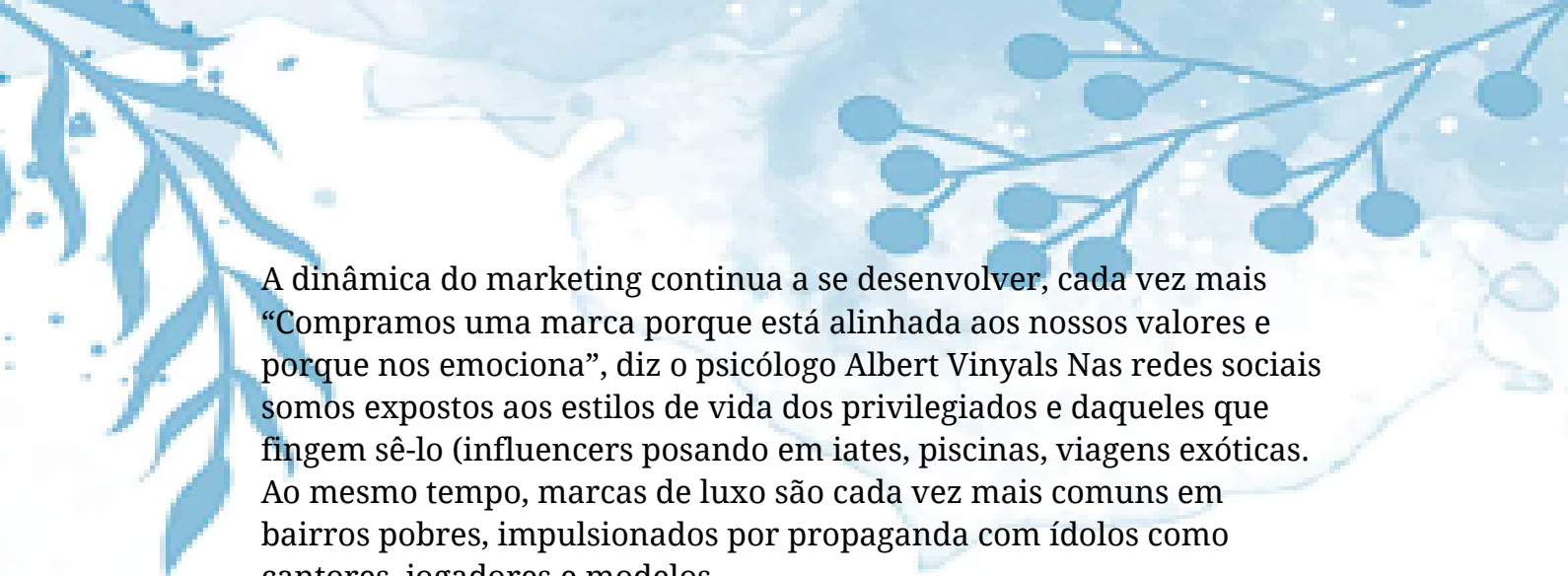
consumismo é a intensificação da exploração dos recursos naturais para a produção contínua de mercadorias. Estima-se que seriam necessários quatro planetas e meio para sustentar o nível de consumo dos Estados Unidos caso todos os países adotassem o mesmo padrão, acelerando as mudanças climáticas e o colapso ambiental.

Esse cenário acarreta a devastação de florestas, o esgotamento de recursos renováveis como água potável, florestas e solos, além de acelerar a extinção de recursos não renováveis, como petróleo e minérios fundamentais para inúmeros produtos.

Outro ponto crítico da sociedade de consumo é a prática da obsolescência programada, ou planejada, que consiste na produção de bens deliberadamente projetados para terem vida útil curta, incentivando o consumidor a substituí-los em pouco tempo. Isso aumenta não só o consumo, mas também a pressão sobre os recursos naturais e a geração de lixo, exacerbando os impactos ambientais.

### **Consumo e identidade**

“A razão pela que consumimos dessa forma, além de nossas necessidades, é porque o consumo é ideológico em seu núcleo”, diz Steve Miles, sociólogo da Universidade Metropolitana de Manchester e autor de livros como *Consumerism: as a way of life* (Consumismo como meio de vida). “Somos obrigados a consumir de modos que não são naturais, mas que servem para manter o status quo”. O melhor exemplo dessa forma irracional de consumir é a prática de ir a algum shopping, fortemente impulsionada pelas, publicidade, cinema e pela televisão: comprar por comprar se transforma em uma atividade de lazer de fim de semana e até em uma terapia para momentos de crise. A protagonista da série volta ao anoitecer para casa, com os braços cheios de sacolas de lojas, muito mais tranquila após passar a tarde percorrendo as lojas do centro. Agora isso sequer é necessário: basta uma conexão com a internet para comprar de casa produtos vindos de todo o planeta e tê-los em pouco tempo na porta de casa. Em comparação com os anos 1970, quando os consumidores eram expostos a cerca de apenas 500 anúncios por dia em média. Hoje o consumidor é exposto a uma média de 6000 a 10000 anúncios diariamente, um incessante bombardeio ideológico tentando converter as pessoas ao consumismo.



A dinâmica do marketing continua a se desenvolver, cada vez mais “Compramos uma marca porque está alinhada aos nossos valores e porque nos emociona”, diz o psicólogo Albert Vinyals. Nas redes sociais somos expostos aos estilos de vida dos privilegiados e daqueles que fingem sê-lo (influencers posando em iates, piscinas, viagens exóticas). Ao mesmo tempo, marcas de luxo são cada vez mais comuns em bairros pobres, impulsionados por propaganda com ídolos como cantores, jogadores e modelos.

Fica cada vez mais difícil escapar da pressão que é imposta pelo sistema, seja por um estilo de vida, seja por afirmação social. “A moda, o luxo, e o consumo são a versão materialista da felicidade como se ela fosse proporcionada pelo mercado. Sem dúvida, proporciona prazeres. Mas esses prazeres são a felicidade? Não! Consumir não basta. A felicidade exige outra coisa, principalmente na relação com os outros e consigo. O ser humano não pode se reduzir a um consumidor, assim pensa Gilles Lipovetsky.

É fundamental que cada cidadão tome consciência, vendo-se como um indivíduo pertencente ao Planeta e não como um ser egocêntrico. É necessário aprender a separar o joio do trigo, distinguindo o que lhe é essencial daquilo que é supérfluo à sua vida. Afinal de contas, estamos consumindo para viver ou estamos vivendo para consumir?

## Desemprego e desigualdade social

Como sociedade, nos acostumamos tanto com a presença do desemprego que acabamos normalizando taxas entre 5% e 8%, como se fossem aceitáveis — mesmo sabendo que isso representa uma grande parcela do povo sem trabalho e renda. No entanto, é fundamental lembrar que os dados oficiais sobre desemprego não incluem pessoas em situação de **subemprego** nem aqueles em **desalento**, ou seja, aqueles que desistiram de procurar trabalho, mas ainda gostariam de estar empregados. Quando consideramos esses fatores, o impacto social do desemprego se torna ainda mais alarmante.

Os efeitos do desemprego são amplamente estudados e conhecidos:

Problema	Detalhamento
Depressão e ansiedade	Fortemente associado ao aumento de casos de depressão devido ao estresse financeiro, perda de identidade e exclusão social.
Suicídio	Indivíduos desempregados têm até 16 vezes mais chance de cometer suicídio, devido à desesperança e ao agravamento da saúde mental.
Transtornos de estresse pós-traumático (TEPT)	A perda de emprego pode ser traumática e, em alguns casos, desencadear TEPT, especialmente após períodos prolongados de desemprego.
Doenças cardiovasculares	O estresse crônico causado pelo desemprego aumenta o risco de doenças cardíacas, como hipertensão e infartos.
Problemas gastrointestinais	O estresse e a ansiedade gerados pelo desemprego estão ligados a distúrbios gastrointestinais, como úlceras e síndrome do intestino irritável.
Problemas musculoesqueléticos	O estresse emocional e físico do desemprego pode contribuir para dores musculares e problemas articulares.
Menor expectativa de vida	Estudos mostram que pessoas desempregadas, especialmente as de longo prazo, têm uma expectativa de vida mais baixa.

Uso de álcool e drogas	Pode levar ao aumento do consumo de substâncias como forma de lidar com o estresse e a falta de propósito.
Exclusão social	A falta de trabalho leva ao afastamento social, uma vez que o emprego é uma das principais fontes de interação e identidade na sociedade.
Estigma social	O desemprego, principalmente o de longa duração, é estigmatizado e pode resultar em discriminação e marginalização.
Menos interações sociais	A perda do emprego reduz as oportunidades de interação social, o que pode agravar o isolamento e a solidão.
Redução de renda	A perda de um salário resulta em dificuldades financeiras, afetando diretamente o padrão de vida e a capacidade de atender às necessidades básicas.
Aumento da desigualdade social	Tende a aumentar as disparidades econômicas entre diferentes grupos sociais, ampliando a desigualdade.
Maior taxa de divórcios	Coloca pressão adicional sobre os relacionamentos, o que pode resultar em mais separações e divórcios.
Estresse familiar/Violência doméstica	O desemprego impacta toda a família, gerando estresse adicional, conflitos e dificuldades emocionais para os membros da casa.
Aumento da criminalidade	O desemprego está correlacionado ao aumento da criminalidade, como furtos e roubos, já que as pessoas buscam alternativas para sobreviver.
Acesso reduzido à educação e qualificação	Dificulta o acesso a cursos de qualificação ou educação, perpetuando a falta de oportunidades.
Desemprego de longo prazo e perda de habilidades	Prolongado resulta na perda de habilidades profissionais e aumenta as dificuldades para retornar ao mercado de trabalho.
Ciclo intergeracional de desemprego	Pode ser transmitido entre gerações, com filhos de pais desempregados tendo maior probabilidade de também enfrentarem dificuldades no mercado de trabalho.
Desemprego juvenil	O desemprego entre os jovens pode resultar em marginalização social, comportamentos de risco e menores oportunidades futuras.

Do ponto de vista coletivo, o desemprego enfraquece a capacidade de negociação salarial dos trabalhadores, debilitando sindicatos e outras formas de organização social. Esse enfraquecimento acentua a desigualdade, já que uma parcela menor da renda é direcionada aos trabalhadores, concentrando ainda mais recursos nas mãos de uma elite econômica.

**Isso não deveria ser normalizado - infelizmente nos acostumamos com esse absurdo.** O desemprego não é algo inato à sociedade, mas uma característica específica do capitalismo. Em sociedades pré-capitalistas, o desemprego não era comum, uma vez que a sobrevivência estava diretamente vinculada à subsistência. Em economias socialistas, historicamente, buscou-se o pleno emprego, como na URSS, na China e, atualmente, no Laos. Nesses modelos, o trabalho não era tratado como uma mercadoria, mas como uma necessidade fundamental para a construção da sociedade.

O capitalismo causa desemprego devido à busca incessante pelo lucro como objetivo principal, em detrimento do bem-estar coletivo. Isso se manifesta, por exemplo, no uso de inovações tecnológicas que promovem automação, gerando desemprego estrutural ao não proteger/re-enquadrar de forma adequada os trabalhadores dispensados. Além disso, os ciclos econômicos do capitalismo frequentemente incluem períodos de crise, caracterizados por altas taxas de desemprego. Durante essas crises, as empresas buscam reduzir custos, incluindo a folha de pagamento, o que reduz o número de empregos disponíveis. Com menos pessoas consumindo, entra-se em uma espiral de recessão, dificultando a recuperação econômica.

Ademais, os capitalistas podem pressionar governos a adotar políticas públicas que ampliem o desemprego, promovendo cortes em programas sociais, flexibilização das leis trabalhistas e outras medidas que prejudicam os trabalhadores. Para grandes empresas, uma economia desaquecida também favorece a concentração de mercado, pois pequenos negócios são os primeiros a falir em tempos de crise, ampliando a desigualdade econômica e social.

Segundo Marx, o desemprego não é uma anomalia do capitalismo, mas uma engrenagem essencial para seu funcionamento. O exército de reserva, composto por trabalhadores desempregados ou




subempregados, serve para manter os salários baixos e pressionar os empregados a aceitarem condições de trabalho desfavoráveis. Assim, para os capitalistas, o desemprego pode ser vantajoso, pois reduz o poder de barganha dos trabalhadores e aumenta os lucros, mesmo que às custas de um consumo reduzido.

A economia deveria ser guiada para o bem-estar coletivo em vez da competição desenfreada por lucros, o desemprego e seus malefícios podem ser erradicados. O foco deve estar na satisfação das necessidades da comunidade, e não na acumulação infinita de capital.

O vídeo abaixo resume bem o comportamento dos capitalistas.



<https://youtu.be/QDIcmJWtwU8>



## Obsolescência programada (em desenvolvimento)

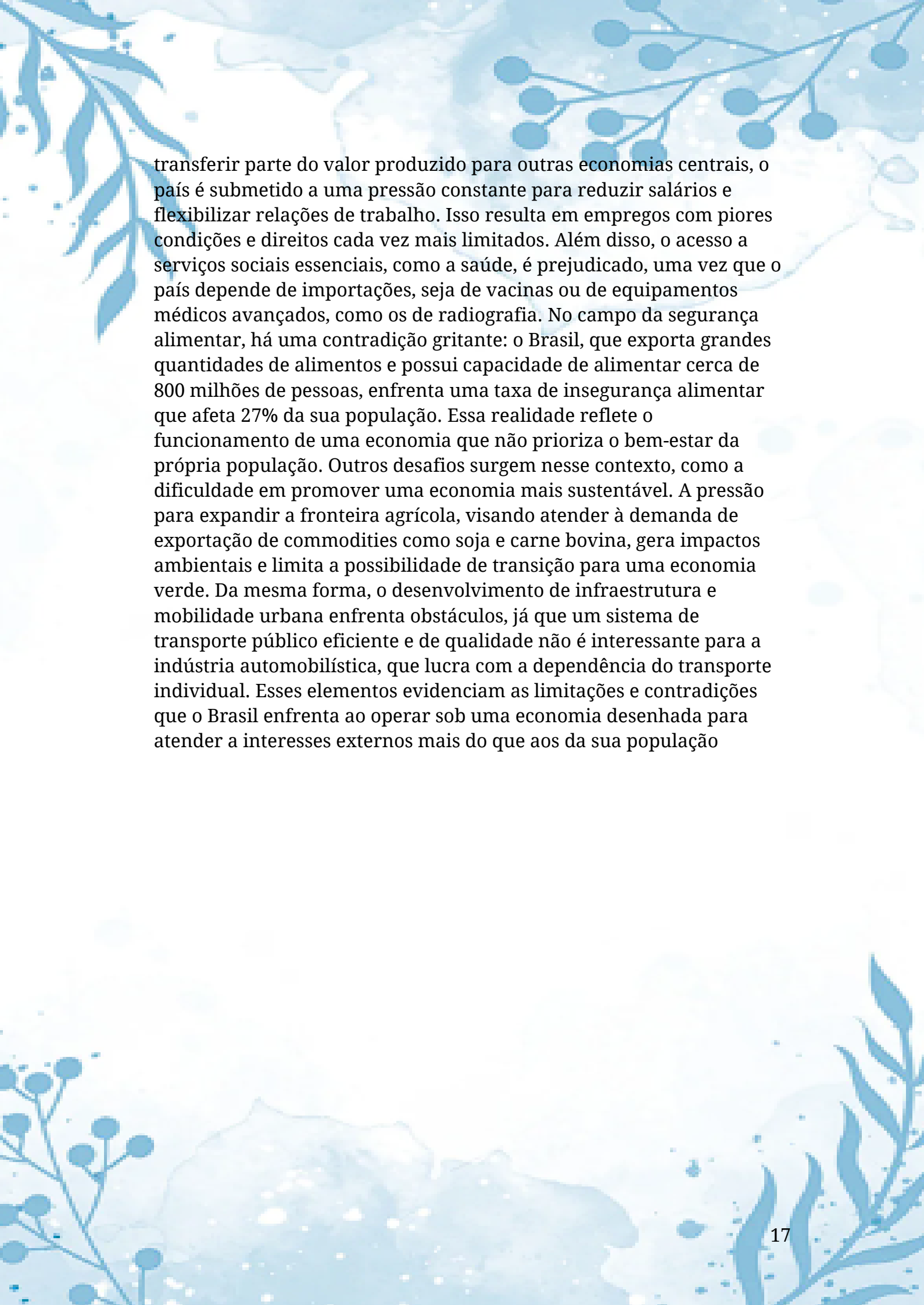


## Imperialismo e exploração

O imperialismo, como conceito econômico e político, começou a ser reconhecido no final do século XIX, quando as potências europeias intensificaram suas expansões coloniais para controlar territórios e recursos globais. Esse movimento foi impulsionado principalmente pela Segunda Revolução Industrial e pela necessidade das potências em encontrar mercados e matérias-primas para sustentar seu crescimento. Pensadores como Lenin definiram o imperialismo como uma fase avançada do capitalismo, em particular com o advento do capital financeiro — a fusão entre capital bancário e industrial — e a formação de conglomerados empresariais. Para manter a expansão do capital, há uma demanda por influência política que viabilize seus objetivos principais: exportação de capital, garantia de mercados consumidores e acesso a recursos estratégicos. No capitalismo, o imperialismo não é uma escolha, mas uma exigência imposta pelo próprio sistema aos capitalistas e ao estado.

No contexto do pós-Segunda Guerra Mundial, se estabeleceu um cenário onde já há uma centralização da gestão dessa reprodução do sistema imperialista em um único país (no caso, os Estados Unidos), que mantém mais de 700 bases militares fora do seu território e ocupam o 1º lugar mundial em gastos militares, totalizando 916 bilhões de dólares. Para igualar esse valor, é necessário somar os orçamentos de defesa da China, Rússia, Índia, Arábia Saudita, Reino Unido, Alemanha, Ucrânia e França. Com o dólar consolidado como moeda de comércio global, os EUA exercem ampla capacidade de imposição de sanções econômicas, afetando cerca de um terço dos países, majoritariamente nações de baixa e média renda. Além disso, instituições internacionais, como a ONU, FMI, Banco Mundial e OTAN, são influenciadas pelos interesses dos EUA, que mantêm um aparelho ideológico por meio do controle de grandes mídias — como Meta e Google — e produções culturais e acadêmicas. Esse domínio permite moldar o debate intelectual e justificar sanções ou ações contra países que desafiam essa hegemonia, onde rapidamente um país ou comunidade podem ser enquadrados como mal a ser combatidos.

A posição do Brasil como um país que sofre com o imperialismo e ocupa uma posição periférica no sistema capitalista tem um impacto direto e significativo na vida dos brasileiros. Devido à necessidade de



transferir parte do valor produzido para outras economias centrais, o país é submetido a uma pressão constante para reduzir salários e flexibilizar relações de trabalho. Isso resulta em empregos com piores condições e direitos cada vez mais limitados. Além disso, o acesso a serviços sociais essenciais, como a saúde, é prejudicado, uma vez que o país depende de importações, seja de vacinas ou de equipamentos médicos avançados, como os de radiografia. No campo da segurança alimentar, há uma contradição gritante: o Brasil, que exporta grandes quantidades de alimentos e possui capacidade de alimentar cerca de 800 milhões de pessoas, enfrenta uma taxa de insegurança alimentar que afeta 27% da sua população. Essa realidade reflete o funcionamento de uma economia que não prioriza o bem-estar da própria população. Outros desafios surgem nesse contexto, como a dificuldade em promover uma economia mais sustentável. A pressão para expandir a fronteira agrícola, visando atender à demanda de exportação de commodities como soja e carne bovina, gera impactos ambientais e limita a possibilidade de transição para uma economia verde. Da mesma forma, o desenvolvimento de infraestrutura e mobilidade urbana enfrenta obstáculos, já que um sistema de transporte público eficiente e de qualidade não é interessante para a indústria automobilística, que lucra com a dependência do transporte individual. Esses elementos evidenciam as limitações e contradições que o Brasil enfrenta ao operar sob uma economia desenhada para atender a interesses externos mais do que aos da sua população



**Ciência da felicidade (em desenvolvimento)**

**Convivência em sociedade (em desenvolvimento)**

## A luta que cura e gera prosperidade

Entrar em um grupo que luta por causas nobres maiores do que nós mesmos sempre fascinou a humanidade. Desde os tempos mais remotos, pessoas se uniram para alcançar objetivos comuns, enfrentar desafios ou simplesmente sobreviver. Para muitos, participar de um movimento que compartilha valores e objetivos é um caminho de cura e crescimento. Isso acontece pelo sentimento de pertencimento, apoio emocional oferecido pelas conexões sociais, propósito gerado pela luta e as conquistas alcançadas.

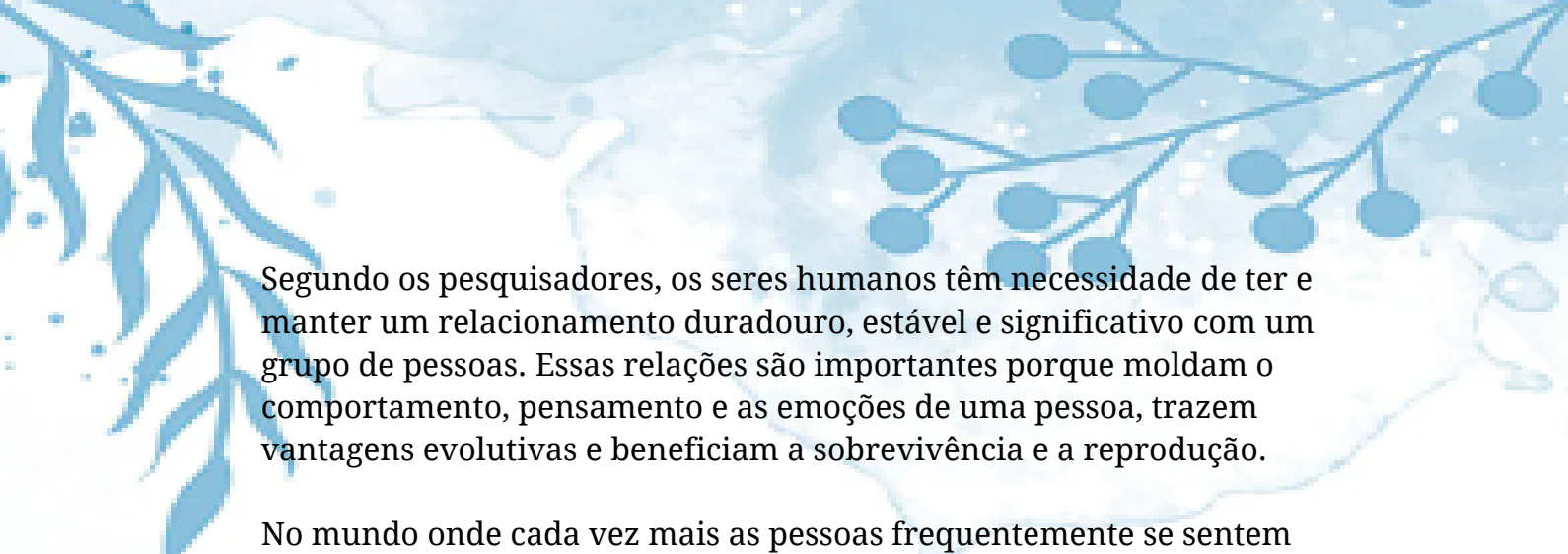
### Pertencimento

Pertencimento é aquela percepção de alguém fazer parte de uma comunidade, de uma família, de um grupo. Está muito ligado ao reconhecimento e a como a pessoa tem respeitadas a sua dignidade, a sua cultura, e as suas diferenças. Fazer parte de algum grupo ou pertencer a algum lugar nos dá um sentimento de importância, de fazer parte de algo que é maior e mais importante que nós. Não se sentir parte de algo, por outro lado, pode causar efeitos muito negativos na saúde física e mental e no bem-estar de uma pessoa.

O sentimento de pertencimento também ajuda na prevenção de alguns problemas de saúde mental, como a depressão, a ansiedade, pensamentos suicidas e o sentimento de estar sozinho. A falta desse sentimento ocasiona baixo suporte social e aumento dos casos de depressão e pensamentos suicidas.

Um dos sintomas da depressão, mais do que o sentimento de solidão, é o sentimento de estar deslocado e não pertencer a nenhum lugar. Isso impacta no círculo social e no sistema de suporte social, o que pode levar a uma piora do quadro clínico. Um estudo encontrou, inclusive, que o isolamento social causa no corpo o mesmo tanto de desejo no cérebro do que a fome. Só que, em vez de comida, desejamos ter contato social.

A hipótese do pertencimento, proposta pelos psicólogos Roy F. Baumeister e Mark R. Leary, em 1995, sugere que o desejo por ter relações interpessoais é uma motivação fundamentalmente humana.



Segundo os pesquisadores, os seres humanos têm necessidade de ter e manter um relacionamento duradouro, estável e significativo com um grupo de pessoas. Essas relações são importantes porque moldam o comportamento, pensamento e as emoções de uma pessoa, trazem vantagens evolutivas e beneficiam a sobrevivência e a reprodução.

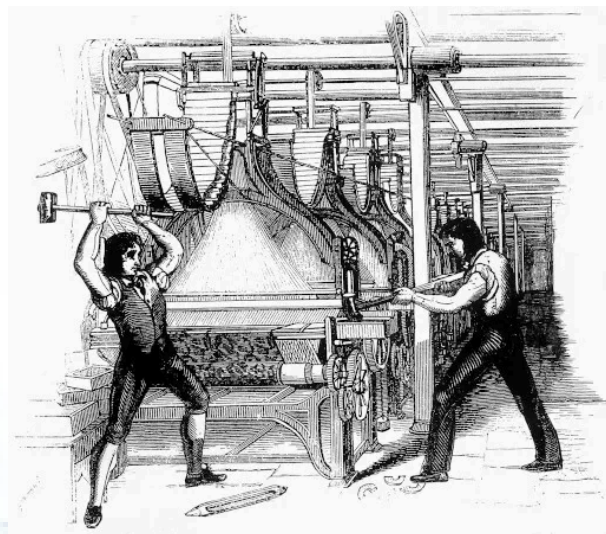
No mundo onde cada vez mais as pessoas frequentemente se sentem isoladas ou alienadas, estar em um grupo com um grande propósito pode fornecer um apoio emocional. Muitos que se sentem desconectados da sociedade encontram no agir por uma causa uma forma de pertencimento, algo que responde ao desejo humano de fazer parte de algo maior. Grupos com objetivos compartilhados muitas vezes fornecem um espaço onde as pessoas se sentem compreendidas, aceitas e motivadas. Esse senso de pertencimento ativa áreas do cérebro relacionadas ao bem-estar e à satisfação, resultando em uma melhoria geral na saúde mental. Mais do que uma simples conexão, o apoio mútuo e o incentivo dentro de um movimento ajudam os membros a enfrentar desafios pessoais e coletivos, criando um círculo de reforço positivo e gerando prosperidade através da ajuda mútua. Movimentos geralmente giram em torno de um propósito ou causa comum, e fazer parte disso nos dá um sentido de propósito maior. Saber que estamos contribuindo para algo significativo cria um laço profundo entre os participantes e fortalece nosso sentimento de pertencimento, gerando uma sensação de segurança emocional, porque sabemos que há outras pessoas que compartilham as mesmas lutas, ideias e objetivos. Isso cria um ambiente onde podemos expressar nossas preocupações e buscar apoio em momentos difíceis. O sentimento de pertencimento está ligado ao reconhecimento de nossas contribuições. Sentir-se valorizado dentro do grupo gera satisfação e aumenta a motivação para continuar participando ativamente.

## Economia solidária e cooperativismo

### Fatores essenciais para o desenvolvimento econômico

O crescimento econômico sustentável depende primeiramente de instituições eficazes que garantam um ambiente seguro e confiável para a atividade econômica. Direitos de propriedade bem protegidos, a aplicação da lei, serviços públicos eficientes e a liberdade de contratar e realizar transações comerciais são aspectos fundamentais para um mercado próspero. Essas condições exigem a presença do Estado e instituições com capacidade de manter estabilidade, ordem, evitar fraudes, roubos e corrupção.

Outro fator extremamente importante para o desenvolvimento econômico é a inovação tecnológica e a automação, que são fundamentais para aumentar a eficiência e a produtividade. No entanto, esse processo gera efeitos colaterais, algumas pessoas, empresas e setores podem ser negativamente impactados, como no caso de desemprego e falências. Esse fenômeno é conhecido como "destruição criativa", esse conceito descreve como novas e mais eficientes empresas e tecnologias substituem as antigas e obsoletas. Embora essa transformação seja benéfica para a sociedade como um todo, ela muitas vezes encontra resistência e pode ser sabotada por grupos que são diretamente impactados.



Gravura do final do século XVIII na qual dois trabalhadores adeptos do ludismo estão quebrando uma máquina em um estabelecimento industrial.



## Economia Solidária e Cooperativas - do Lucro privado ao progresso coletivo

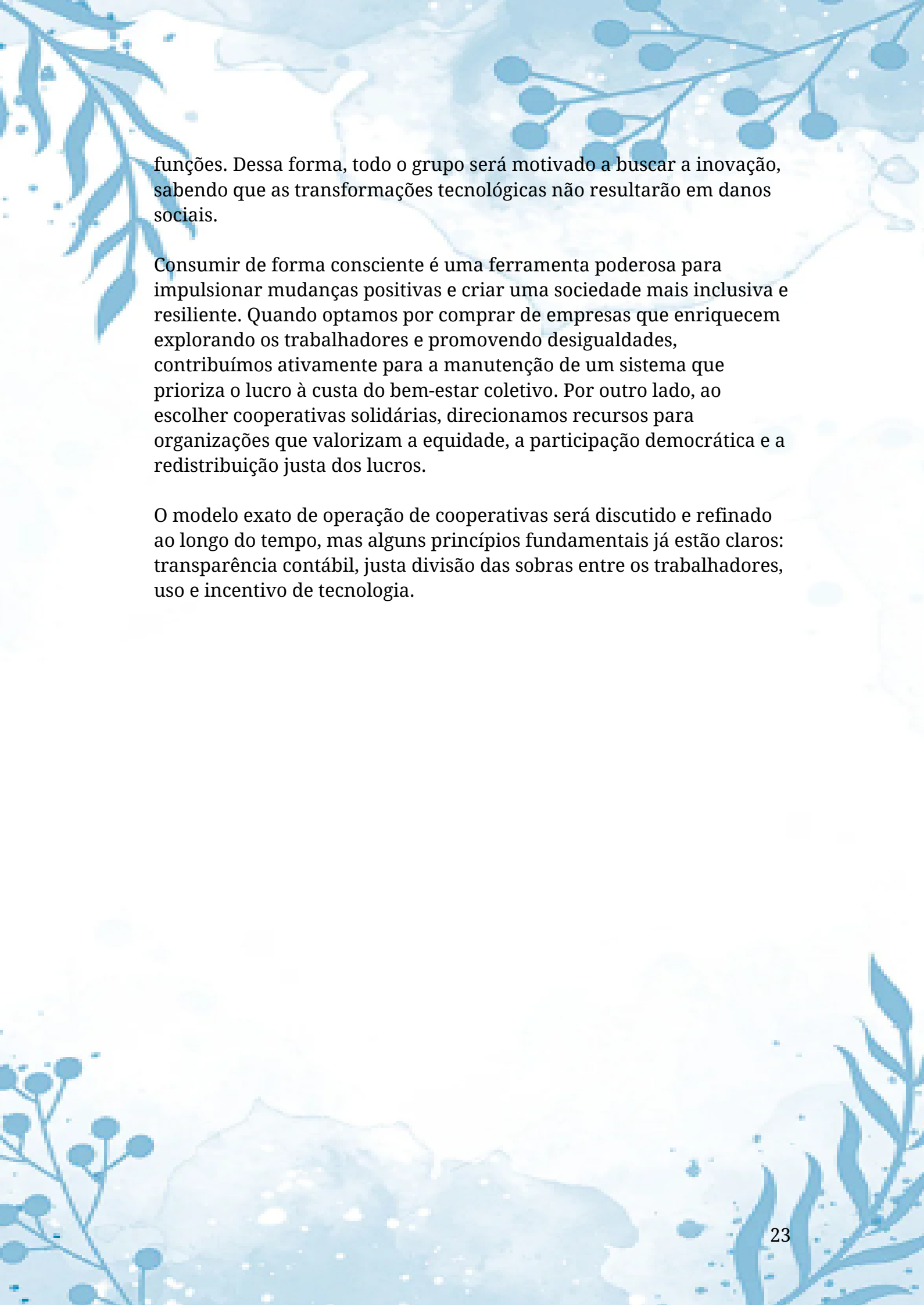
A economia solidária começou a se desenvolver como uma resposta ao modelo capitalista industrial emergente no século XIX. A ideia de cooperativas de trabalho e de consumo surgiu em várias partes da Europa, especialmente na França e na Grã-Bretanha. Economia solidária é definida como o "conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito – organizadas sob a forma de autogestão." Compreende uma variedade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca.

Defendemos a economia solidária e um modelo de cooperativas que busca garantir uma remuneração justa para todos, com um salário base correspondente à relevância, responsabilidade e nível de habilidade necessários para cada papel dentro da cooperativa. Esse salário base será complementado por um bônus variável, que dependerá do lucro da cooperativa. Assim, todos os cooperados serão diretamente recompensados ou penalizados pelo desempenho da cooperativa. Todos deverão ter acesso aos valores dos salários dos cooperados, assim evitando desigualdades injustificadas e para fortalecer a confiança entre os membros.

Uma vez cobertos os gastos essenciais da cooperativa – como o pagamento dos salários base, despesas com fornecedores, impostos, fundo de reserva (para tempos de crise ou imprevistos) e investimentos, as sobras (lucros) serão divididas entre os cooperados. Além disso, caso a cooperativa tenha recursos excedentes, uma parte das sobras pode ser destinada a fundos para novos investimentos e ações do Solidarismo. Em algumas situações, os lucros podem ser redistribuídos também para os clientes, fortalecendo ainda mais os laços dentro da comunidade.

É essencial incentivar e promover a automação e o uso de novas tecnologias, mas com um compromisso de justiça social. Para evitar a resistência e garantir que ninguém seja deixado para trás, devemos adotar medidas que protejam aqueles impactados negativamente, oferecendo compensações generosas, mesmo em caso de demissões, e oferecendo suporte para a recolocação dos trabalhadores em novas





funções. Dessa forma, todo o grupo será motivado a buscar a inovação, sabendo que as transformações tecnológicas não resultarão em danos sociais.

Consumir de forma consciente é uma ferramenta poderosa para impulsionar mudanças positivas e criar uma sociedade mais inclusiva e resiliente. Quando optamos por comprar de empresas que enriquecem explorando os trabalhadores e promovendo desigualdades, contribuimos ativamente para a manutenção de um sistema que prioriza o lucro à custa do bem-estar coletivo. Por outro lado, ao escolher cooperativas solidárias, direcionamos recursos para organizações que valorizam a equidade, a participação democrática e a redistribuição justa dos lucros.

O modelo exato de operação de cooperativas será discutido e refinado ao longo do tempo, mas alguns princípios fundamentais já estão claros: transparência contábil, justa divisão das sobras entre os trabalhadores, uso e incentivo de tecnologia.

## Paradoxo da tolerância, liberdade de expressão e desinformação

Defendemos a convivência em uma sociedade aberta e plural, no entanto, como promover uma convivência respeitosa e inclusiva sem abrir espaço para que ideias intolerantes se tornem um risco a sociedade? Esse dilema é abordado no "paradoxo da tolerância", de Karl Popper. Ele alertou que a tolerância irrestrita permite que a intolerância destrua a própria sociedade tolerante: "A tolerância ilimitada leva ao desaparecimento da própria tolerância. Se estendermos a tolerância também aos intolerantes... Se não estivermos preparados para defender uma sociedade tolerante contra a investida dos intolerantes, então os tolerantes serão destruídos, e a tolerância junto com eles" (Popper, A Sociedade Aberta e Seus Inimigos).

É necessário uma postura firme contra a intolerância, mas também valorizar a empatia e o diálogo como formas de resgatar indivíduos presos em ideias preconceituosas e erradas. Um exemplo marcante é o trabalho de Daryl Davis, um músico negro que, através de conversas respeitosas, ajudou dezenas de membros da Ku Klux Klan a abandonar a organização. Davis se aproximava com curiosidade genuína, desarmando o ódio ao questionar: "Como você pode me odiar se nem me conhece?". Esse questionamento, feito em conversas amigáveis, os forçava a refletir sobre as bases irracionais de seu preconceito.

Ao longo dos anos, Davis construiu pontes improváveis. Em uma dessas conversas, ele conta como um membro da Klan, após um longo diálogo, entregou-lhe seu manto, renunciando à organização racista. "Eu não os ataquei. Eu dei a eles uma oportunidade para se explicarem, e eles não conseguiram sustentar seus argumentos frente a uma amizade que se desenvolvia. Isso os fez repensar suas convicções", afirmou Davis. Esse método, que envolve uma escuta genuína e a disposição para questionar a intolerância sem atacar o intolerante diretamente, oferece uma abordagem eficaz para converter radicalismos por meio da compreensão.

No solidarismo, essa postura se torna uma prática essencial: a intolerância não pode ser tolerada em si mesma, pois ameaça a própria existência da sociedade. No entanto, sempre que possível, é importante

buscar reverter posições radicais e preconceituosas através de um processo de resgate, onde o indivíduo é levado a confrontar suas crenças com a realidade de uma convivência respeitosa.

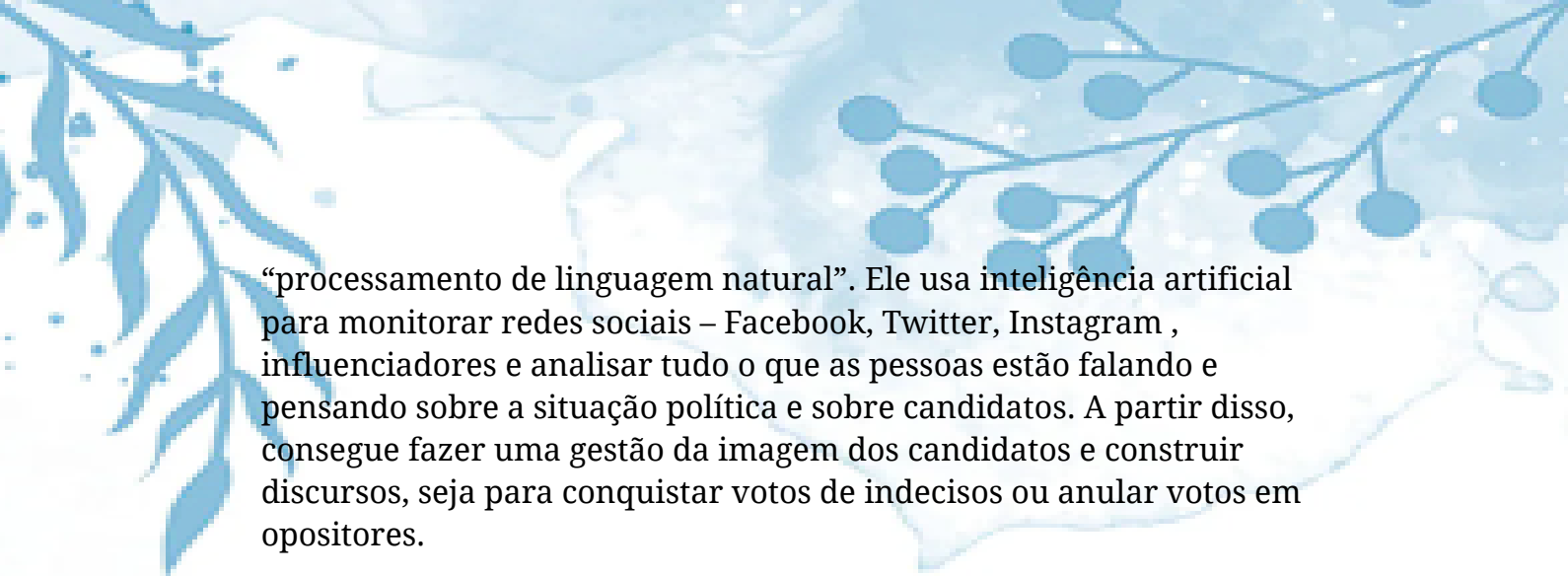
A liberdade de expressão é um direito fundamental que deve ser garantido a todos, mas ela não pode ser exercida de forma irrestrita. Paradoxalmente, a prática sem limites desse direito pode ameaçar sua própria existência. Para que as pessoas possam ter liberdade de expressão é essencial que as vidas e a dignidade das pessoas sejam preservadas. Quando alguém utiliza sua liberdade de expressão para promover ideias como racismo, eugenia ou a destruição do Estado de Direito, está, na verdade, comprometendo a liberdade de expressão dos outros, ao fragilizar o ambiente de respeito e segurança indispensável para sua prática plena.

A desinformação, boatos, mentiras, informações fora de contexto como tática política é bem antiga. No entanto, a escala da disseminação das redes sociais elevou esse problema para outro patamar, com potencial real de abalar democracias.

A partir das nossas interações digitais nestas e em outras plataformas os nossos dados e metadados são coletados e tratados por softwares inteligentes que conseguem, por exemplo, identificar sentimentos como medo, ansiedade, raiva, até fome. Com essas informações, é possível definir perfis praticamente individuais dos usuários da internet. As agências chamam esse novo mecanismo de psicométrica: programas que fazem análise de personalidade dos cidadãos – inclusive com identificação facial – e conseguem apurar quase que individualmente o comportamento das pessoas.

O escândalo Facebook-Cambridge Analytica consistia em desenvolver estratégias de propaganda política combinando mineração e análise de dados para o desenvolvimento de uma “máquina completa de propaganda”. Foi esta estratégia que levou, por exemplo, à produção de vídeos de alta precisão vinculando a imagem de Hillary Clinton, adversária de Trump, ao termo crooked (desonesta), utilizando-se de diferentes formas de fake news.

No Brasil, alguns programas também foram utilizados para, a partir da análise de dados pessoais de brasileiros, basear estratégias de propaganda. Como, por exemplo, através do programa War Room, um serviço em português para desenvolver, a partir de dados, o



“processamento de linguagem natural”. Ele usa inteligência artificial para monitorar redes sociais – Facebook, Twitter, Instagram , influenciadores e analisar tudo o que as pessoas estão falando e pensando sobre a situação política e sobre candidatos. A partir disso, consegue fazer uma gestão da imagem dos candidatos e construir discursos, seja para conquistar votos de indecisos ou anular votos em opositores.

Esse problema é recente e difícil de solucionar. Ideias para combatê-lo ainda são incipientes, enfrentando barreiras como os interesses de lobistas poderosos – incluindo grandes empresas de tecnologia e políticos que se beneficiam da manipulação das massas. Além disso, qualquer tentativa de regulação esbarra no delicado equilíbrio com a liberdade de expressão.

## Bibliografia

### Polarização:

<https://jornal.usp.br/podcast/sociedade-em-foco-195-polarizacao-politica-prejudica-a-formacao-de-politicas-publicas/>  
<https://www.diariodasaude.com.br/news.php?article=polarizacao-politica-nao-destroi- apenas-democracia-destruir-sociedade&id=15072>  
<https://www.faxaju.com.br/noticias/professor-espanhol-diz-que-polarizacao-leva-a-logica-irracional-da-politica/>

### Desemprego e desigualdade social

<https://sprc.org/news/unemployment-and-suicide/>  
<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC1071386/>  
<https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/31776/1/O%20impacto%20do%20desemprego%20na%20sa%C3%BAde%20f%C3%ADsica%20e%20psicol%C3%B3gica.pdf>

### Hiperconsumo:

<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/o-capitalismo-sociedade-consumo.htm>  
<https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-08/consumir-procurando-uma-felicidade-que-nunca-chega-como-compramos-para-construir-nossa-identidade.html>

### A luta que cura e gera prosperidade

<https://jornal.usp.br/radio-usp/sentimento-de-pertencimento-e-a-necessidade-de-manter-relacoes-estaveis-e-de-moldar-o-comportamento/>

### Paradoxo da tolerância, liberdade de expressão e desinformação

<https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/8039>

### Economia solidária e cooperativismo

<https://genyo.com.br/economia-solidaria/>  
<https://www.redalyc.org/journal/840/84057862008/html/>

Livro - Why Nations Fail - Daron Acemoglu and James A Robinson